

## **+Diversidade e múltiplas linguagens marcam a 12ª edição da Bienal Sesc de Dança**

*A Bienal Sesc de Dança acontece de 2 a 10 de outubro e segue com a vocação de fomentar a dança contemporânea por meio de uma programação que contempla as investigações de artistas de diferentes regiões do Brasil e de países como Coreia do Sul, Portugal, França, Estados Unidos e Uruguai. A programação oferece transmissões ao vivo e gravadas de mais de 20 espetáculos, ações cênicas e formativas nas quais público e artistas compartilham experiências e visões.*

**Link de fotos:** <https://bit.ly/bienalsescdedanca2021>

Pluralidade de corpos e estéticas da dança contemporânea, artistas das várias regiões do Brasil e atrações internacionais. Em cena, linguagens que pontuam as ameaças às florestas e aos povos indígenas, os efeitos do racismo estrutural, a intolerância à população LGBTQIA+ e o estigma sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, homenagens a Ismael Ivo e Lia Rodrigues. Esses são alguns dos componentes da 12ª edição da **Bienal Sesc de Dança**, uma realização do Sesc São Paulo com apoio institucional da Prefeitura Municipal de Campinas e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A programação é gratuita e acontece de 2 a 10 de outubro no perfil do Instagram do Sesc Ao Vivo ([@SescAoVivo](https://www.instagram.com/sescavivo)), no canal do YouTube do Sesc São Paulo ([Youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)) e Plataforma Sesc Digital ([sesc.digital](https://www.sesc.digital)).

Durante uma semana, o público pode conferir uma diversidade de linguagens com mais de 20 apresentações artísticas (espetáculos ao vivo e gravados), mostra de videodanças, mostra de cinema, mesas de conversas, aulas abertas, aulas magistrais e ainda workshops com artistas portugueses em diálogo com brasileiros. A curadoria reuniu um grupo transversal de programadores do Sesc SP que se debruçou nas discussões que a dança tem lançado e enfrentado nestes quase dois anos com o corpo confinado nos espaços e nas telas.

“A *Bienal Sesc de Dança* chega à sua 12ª edição e segue pela via na qual obra e público ainda se veem mediados por câmeras e telas, dando seguimento aos protocolos sanitários necessários nos dias atuais”, afirma Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo. E complementa: “Contexto que atravessa nossos corpos há mais de um ano e meio, a atual pandemia traz contingências que constantemente fazem surgir novos modos e novas dinâmicas nos terrenos da criação estética e sua fruição, assim como da própria ação cultural e educativa. Ainda assim, mesmo com a incerteza como tônica, tal perspectiva não foi capaz de refrear algo que nos caracteriza como seres munidos de linguagem: a expressão”.

A iminência do desconfinamento foi uma das principais questões que permearam o pensamento curatorial, e essa discussão se reverbera na ocupação de diferentes espaços das Unidades do **Sesc Campinas, Pompeia, Vila Mariana, Guarulhos e 24 de Maio**. Os artistas foram convidados

para criarem e adaptarem trabalhos levando em consideração a relação dos corpos com as arquiteturas e apresentação da dança ainda mediada pela tela.

A equipe curatorial buscou uma transversalidade na programação entre o corpo e o pensamento. Logo na abertura, o escritor e sociólogo **Muniz Sodré** ministra a aula magistral *Dança e Corporeidade*, que reflete sobre o corpo humano enquanto compreensão primordial do mundo e as inúmeras possibilidades criativas da dança.

O coreógrafo e bailarino paulistano **Ismael Ivo**, vítima da Covid-19, será homenageado com o lançamento do filme “Ismael Vivo”, produzido pela TV Cultura, além da exibição de outras obras coreografadas pelo artista. Os 30 anos da **Lia Rodrigues Companhia de Danças** também serão homenageados com sete vídeos cadernos idealizados como uma coleção em torno do universo poético, político e artístico da Companhia. É uma colagem de momentos de ensaio, apresentações, inspirações, imagens, fotografias e depoimentos dos artistas. *Aquilo que Somos Feitos, Formas Breves, Pindorama, Para que o Céu não Caia* e *Fúria* são dedicados ao repertório do coletivo. Já o *Caderno Covid 19* e o *Caderno Maré* refletem os últimos tempos. O projeto surgiu a partir de um convite do Teatro HAU, Hebbel am Ufer, de Berlim (Alemanha), para que a Companhia produzisse material sobre seu trabalho para ser divulgado de maneira on-line.

Uma das mais importantes companhias de dança contemporânea do Brasil, o Grupo **Cena 11** (Santa Catarina) abre a Bienal com o espetáculo *Matéria Escura*. A peça coreográfica estava agendada para estrear na Alemanha, em abril do ano passado, com o adiamento o grupo teve que reinventar seu modo de trabalhar, e por consequência a própria peça coreográfica. *Matéria Escura* acontece de forma simultânea, digital e fisicamente, com transmissão e edição em tempo real. É a primeira vez que o grupo, inquieto por natureza com a tecnologia do movimento, está às voltas com a linguagem de programação e softwares, forjando um ecossistema que quebra linearidades. De Burkina Faso, radicado na França, **Salia Sanou** abre a programação internacional com *Multiple-s*. O artista usa a figura "cara a cara" para expressar o confronto, a complementaridade e a alteridade, convidando a coreógrafa franco-senegalesa Germaine Acogny, a escritora canadense Nancy Huston e o músico francês David Babian, o Babx.

Entre as estreias nacionais, marcam presença espetáculos com temáticas voltadas para o universo afrodiaspórico. **Jaqueline Elesbão** (Salvador) traz *Despacho Deferido*, onde a bailarina e ativista une capoeira, projeção, tradições culturais afro-brasileiras para escancarar o racismo estrutural e denunciar o sexismo. A premissa do feminismo negro impulsiona *Na Fresta da Certeza, o Vermelho Escuro*, de **Luciane Ramos-Silva** (São Paulo). *IKU*, do **Núcleo Ajeum** (São Paulo) faz uma reflexão sobre as mortes em tempos de pandemia e das vidas negras. O coletivo está sediado na periferia da zona sul de São Paulo, entre as regiões do Jardim São Luis, Campo Limpo e Capão Redondo. **Adnã Ionara** (Campinas, São Paulo) estuda as relações entre música e dança e a afrodiaspora em *Imalè Inú Ìyágbá*. Em *Delirar o Racial*, a dupla **Davi Pontes e Wallace Ferreira** (Rio de Janeiro) lidam com uma série de ações que envolvem a incerteza, a desordem e o provisório para pensar uma ética fora do tempo para vidas negras.

**João Paulo Lima** (Fortaleza) investiga o corpo e a pessoa com deficiência, ele mesmo é amputado de um membro inferior. Em dose dupla na Bienal, o artista fala do fetiche por pessoas amputadas em *Devotees*. Em seu outro trabalho, *N'Outro Corpo*, foca em uma dança que veio empoderar e questionar a hegemonização do corpo. **Alexandre Américo** (Natal) reflete sobre a condição de isolamento voluntário e positivo em contraste com o advento do chamado distanciamento social imposto pela pandemia no solo *Goldfish*. Do andar ociosamente, sem rumo nem sentido certo, **Beatriz Sano e Eduardo Fukushima** (São Paulo) criaram *O que Mancha*.

**Renan Martins & Frankão**, brasileiros radicados em Portugal, apresentam *Viaduto*, baseado em festas de rua, principalmente em espaços que não são necessariamente para este objetivo. Na montagem, os artistas exprimem suas origens brasileiras, pois têm como referência o Baile Charme do Viaduto de Madureira e o extinto Viaduto da Perimetral.

Por meio de uma plasticidade coreográfica, a **Ninety9 Art Company** (Coreia do Sul) expressa o han, a quintessência da sensibilidade coreana que significa ressentimento ou tristeza em *Abismo*. A jovem criadora Jang Hye-rim revisita as tradições e, por meio de sutilezas, usa a dança como um envio de eco à alma. Em *131 OUT*, **Sara Marasso** (Portugal) e **Stefano Riso** (Itália) fazem um convite para olhar de forma diferente o espaço exterior, os espaços das cidades e as relações humanas. A coreografia coloca em cena um bailarino, um músico e seu contrabaixo.

Ainda entre os internacionais, **Joana Castro** (Portugal) está à frente da performance/instalação *Darktraces* que lida com a morte, transformação e regeneração, um ciclo que termina e começa outro, onde figuras se vão construindo a partir da destruição de outras, corpos que se (des)multiplicam em outros corpos e danças.

A parceria latino-americana entre **Fausto Ribeiro** e **Lucía Sismondi** - **Istmo Nómade** (Brasil/Uruguai) deu origem a *NO HACER NADA pulverizar*, um solo sobre a situação da espera e os efeitos dela, uma percepção que ficou ainda mais aguda com a pandemia e com a inspiração no escritor argentino Jorge Luis Borges.

A mostra de videodanças apresenta obras de artistas jovens da dança contemporânea produzidas para as mídias “da palma da mão”, que usam ferramentas de videochamada, videoclipe, e até mídias sociais como o TikTok. Explorando essa linguagem, haverá o laboratório *Danças Para Todas As Telas: Partilhas* com curadoria formada por **Isis Gasparini, Rodrigo Gontijo** e **Vanessa Hasegawa**. A atividade propõe desdobramentos dos projetos selecionados em diálogo com as obras que compõem a mostra de videodança. Serão três encontros e as inscrições podem ser feitas no [link](#). Ao longo dos encontros, serão discutidas possibilidades para desenvolver tais projetos a partir da exploração prática do movimento dançado e da orientação das diversas formas de registros poéticos mediados pelo audiovisual. A proposta é que os participantes tragam recortes de seus processos criativos para uma partilha coletiva.

A mostra de filmes *Ó, meu corpo! Uma coleção de filmes incorporados*, com curadoria da pesquisadora **Amaranta César**, apresenta uma seleção de trabalhos que aborda a presença do

corpo no cinema brasileiro contemporâneo. Atentos aos novos formatos, dois podcasts serão produzidos e lançados na Bienal, *Uma Rádio na Paisagem*, de **Gustavo Ciríaco**, e *Mover(-se): Sete Peças Para Deslocar-se de Dentro pra Fora*, produzido e desenvolvido pelo **Coletivo Teatro Dodecafônico**.

A causa LGBTQIA+ é um dos cerne da programação e está inserida em *Conversa Pra Boy Dormir*, união do **Coletivo Mexa** e **GRUA** (São Paulo), que aborda questionamentos de gênero e identidade com uma performance que se infiltra no espaço urbano. **Uýra Sodoma** (Manaus) é uma entidade indígena criada por Emerson Pontes, biólogo, educador e artista visual multimídia. Sua performance mostra uma arte LGBTQIA+, de resistência em defesa da flora, da fauna e do povo amazônico.

O público infantil também tem opções na programação, **Clarice Lima** (São Paulo) traz *Bichos Soltos em Casa*, onde quatro bailarinas com um figurino/fantasia/criatura/fantástica movimentam-se de forma dinâmica questionando a relação entre o homem, a natureza e o ambiente doméstico. Já **Elisabete Finger** (São Paulo) apresenta *Buraco*, que tem como objetivo abrir um espaço para uma aventura sensorial e sensível para os pequenos ao explorar as possibilidades de ser e mover um corpo em contato/colisão com outras matérias.

O diretor americano **Peter Sellars** encerra a programação com *Este Corpo é Tão impermanente...*, que traz no elenco a cantora do sul da Índia Ganavya Doraiswamy, o dançarino de improvisação Michael Schumacher e o calígrafo Wang Dongling. As obras de Sellars exploram questões que conectam o contemporâneo e o atemporal, com uma compreensão do poder da arte como meio de ação social e expressão moral.

Confira a programação completa no site [bienaldedanca.sescsp.org.br](http://bienaldedanca.sescsp.org.br) a partir de 25/10.

#### **Serviço:**

**BIENAL SESC DE DANÇA**

**De 2 a 10 de outubro**

**Grátis. 100% on-line**

**Informações** [bienaldedanca.sescsp.org.br](http://bienaldedanca.sescsp.org.br)

#### **Laboratório Danças para Todas as Telas: Partilhas**

Dia 8/10, sexta, das 19h às 22h.

Dias 9 e 10/10, sábado e domingo, das 10h às 13h.

Grátis. 16 anos.

Vagas limitadas. Atividade na plataforma Zoom, através do envio de link, até o dia da atividade, apenas para os selecionados.

**Seleção:** Para se candidatar à inscrição, o participante deve enviar uma carta de intenção até o dia 28/9 contendo: o argumento em até 4 linhas, link com o teaser de até 60 segundos e

minibiografia. A carta deve ser enviada para [formativasbienal.campinas@sescsp.org.br](mailto:formativasbienal.campinas@sescsp.org.br) com o título "Dança para todas as telas"

Assessoria de Imprensa Bienal Sesc de Dança

Adriana Balsanelli

11 99245.4138 | [imprensa@adrianabalsanelli.com.br](mailto:imprensa@adrianabalsanelli.com.br)

Renato Fernandes

11 97286-6703 | [renato.fernandesgon@gmail.com](mailto:renato.fernandesgon@gmail.com)

Assessoria de Imprensa Sesc Campinas

Andréia Dorta

19 9744.9966 | [imprensa.campinas@sescsp.org.br](mailto:imprensa.campinas@sescsp.org.br)